

ricana e a doutrina da especificidade do hemisfério ocidental, sobre as quais devia invariavelmente repousar a política exterior dos Estados Unidos durante todo um século". Seu nome merece ocupar um posto de primeiro plano "na história das relações diplomáticas luso-americanas" (p. 202-3).

Louve-se, portanto, o estudo de Léon Bourdon, pelo que aprofunda e revela. O livro é valorizado por índices minuciosos. A edição é graficamente perfeita. Um livro de categoria, pois, a enriquecer a bibliografia do professor francês que se preocupa com Portugal e o Brasil.

FRANCISCO IGLÉSIAS

* * *

FEUERWERKER (David). — *L'emancipation des Juifs en France*. Collection L'évolution de L'humanité. Paris, Albin Michel, 1976, 775 pp.

Afirmar que a série "A evolução da humanidade" tem dado, desde sua fundação, por Henri Berr, contribuição das mais expressivas para o estudo da História, é, um truísmo. As dezenas de títulos já publicados constituem-se em prova substantiva, eliminando a necessidade de qualquer adjetivação.

A chamada História Judaica tem sido privilegiada na coleção. As obras de Lods e de Guignebert, notadamente *Israel, das origens até meados do século VIII*, do primeiro, já ultrapassaram os estreitos limites do mundo acadêmico, para adquirirem o *status* de leitura indispensável para qualquer interessado no tema.

Rigorosamente, a obra de Feuerwerker, não pode ser colocada lado a lado com as acima referidas. Dificilmente poderíamos classificá-la como obra de síntese — pelo menos de grande síntese. Pelo contrário, é um trabalho de minuciosa elaboração, fruto de longa pesquisa documental e centrada num tema específico.

A obra divide-se em três (longas) partes, após uma rápida introdução. (A propósito, é pena que num livro em que o fator economia de páginas parece não ter entrado (afinal, é um "tijolo" de 775 páginas) o autor não tenha se dedicado a discutir com mais vagar os problemas metodológicos. Afinal, sua formação, que inclui doutoramento na Sorbonne e suas funções atuais de professor nessa Universidade e na de Montreal exigiriam uma elaboração maior do quadro teórico em cima do qual trabalhou). A primeira, denominada "Do antigo regime à Revolução" (1781-1789) procura discutir os pródromos da emancipação que, segundo o Autor, iniciam-se a partir da abolição da peagem corporal, em janeiro de 1784.

A segunda parte, centro da obra, trata da emancipação propriamente dita, dentro do processo revolucionário francês e abrange os anos de 1789 a 1792. O Autor baseia-se em atas e vai mostrando os debates que se estabelecem com um grupo exigindo a emancipação civil dos judeus, enquanto uma minoria, notadamente da França Oriental, resistia a isso.

A última parte do livro busca mostrar as contradições da emancipação: "A igualdade da Revolução no Segundo Império". É o capítulo mais abrangente e mais analítico, já que mostra a França como "nação paladina dos direitos civis", chegando mesmo a interferir junto à Suíça, no sentido de fazer chegar lá a emancipação judaica.

A obra é complementada por vasta bibliografia que, modestamente, o autor arrola como "um simples resumo" do material existente. Inclui, como seria natural supor, num trabalho dessa natureza, fontes manuscritas e impressas, devidamente classificadas segundo o capítulo do livro correspondente. No final da obra, aparece um utilíssimo *index*, tão necessário em obras congêneres e tão desprezado pelos editores nacionais.

Em nível de avaliação, a utilidade da obra salta aos olhos. Se explicitamente não estabelece algumas articulações que se nos pareceriam necessárias, após trabalho de tal fôlego, ao menos fornece precioso material de trabalho, principalmente àqueles que, através da história dos judeus, pretendem compreender melhor o processo histórico como um todo.

JAIME PINSKY

* * *

CORREIA (Ana Maria Martínez). — *A rebelião de 1924 em São Paulo*. Coleção Estudos Brasileiros, 2. (Direção de Jaime Pinsky). São Paulo. HUCITEC. 1976, 201 pp.

A publicação em livro da tese de Ana Maria Martínez Corrêa põe ao alcance de todos os interessados nos problemas do Brasil um trabalho acadêmico feito com o máximo de rigor, seja na metodologia, seja na extrema capacidade de pesquisa de quem se revela com muita habilitação para o labor historiográfico. Às qualidades da autora acrescente-se o sentido criativo, de quem tem não só esforço e dedicação, entendimento do conjunto comprovado na arquitetura da obra, como apreciável imaginação.

O que prende e seduz no livro não é o estudo do movimento que houve em São Paulo em 1924, cujo processo é feito com rigor, no quadro minucioso dos antecedentes da participação do militar na política, no protesto contra as